

# O médico e o monstro

CARLOS CHAGAS

Encerrada a Legislatura, qual o balanço do Congresso? Algo para Roberto Louis Stevenson escrever. Coisa muito parecida com o dr. Jeckil e mr. Hide. No caso, o médico e o monstro. Porque nos dois primeiros anos, 1987 e 1988, o Congresso transformado em Assembléia Nacional Constituinte superou todas as expectativas. Comportou-se de maneira exemplar, resolvendo impasses e dificuldades e dotando o País de uma nova Constituição que, apesar de tudo, é das mais avançadas do planeta.

Pois bem, é depois que Câmara e Senado começaram a trabalhar em separado, nos anos de 1989 e 1990? Aí, a vaca foi para o brejo. Um desastre completo, não se sabe se gerado pelo cansaço de suas excelências ou pela sucessão presidencial. Tanto faz, mas a verdade é que o Legislativo se desfigurou, transformando-se em pálida imagem do que havia sido até então. Refluíram os líderes, refluíram os partidos e o rio caudaloso virou lagoa estagnada. Seria necessário um esforço intenso para votar pelo menos a metade das mais de 200 leis complementares e ordinárias necessárias ao funcionamento da Constituição, mas muito pouca coisa se fez. Os impasses não resolvidos durante a Constituição foram empurrados com a barriga e muito pouco se produziu. Princípios da maior profundidade permaneceram inócuos.

Teriam os deputados e senadores, em contrapartida, usado o tempo perdido nos plenários e nas comissões para alguma empreitada de peso, como, por exemplo, conduzir a sucessão presidencial? Nem pensar. Os candidatos "congressuais", saídos do Parlamento, fizeram péssima figura, exceção do Lula, que, mesmo deputado federal, pou-

co teve a ver com a Câmara ou sua representatividade. Chegou no segundo turno por conta do movimento proletário.

Veio o ano de 1990 perfeito para a recuperação da imagem, mas neste, o que aconteceu? Nada. Isso é o pior: nada. Os parlamentares foram para seus estados, em campanha pela reeleição, e passaram a trabalhar em esforços concentrados, que nada mais são do que recessos remunerados. De maneira confusa, nem por aí conseguiram deslindar o cipoal legislativo nascido à margem de sua indolência. Enfrentaram, é claro, dezenas de medidas provisórias e vetos presidenciais, aos quais tinham que dar preferência, mas o produto final foi o mesmo: nada. Não surgiu um código de valor, exceção ao Estatuto do Menor, tirado a fórceps. Entre ser governo ou ser oposição, o Congresso não foi coisa nenhuma. Em boa parte do tempo, fingiu-se de morto. Na outra, de zumbi, o que ficou pior. Em nenhum instante assumiu o papel que dele se esperava, de contrapeso para a euforia executiva.

O resultado aí está. Melancolicamente, senadores e deputados encerram seus trabalhos. Destes, 60 por cento não voltarão. Daqueles, como a renovação foi de um terço, em outubro, fica a maioria, mas bastante perplexa. Perderam a bússola, giraram em círculos e não chegaram a parte alguma, depois de terem promulgado a Constituição. Quanto ao novo Congresso, melhor será aguardar, mas uma coisa parece certa: ou se lança de imediato, desde fevereiro, à elaboração das leis complementares, ou terminará pior do que o atual, ainda que em 1993 deva receber poderes constituintes acima e além do poder derivado que detém. Vai decidir por maioria absoluta, durante um tempo em que só uma lei complementar definirá.